

Análise, informação e previsão no Brasil (II)

Ontem falamos sobre a eleição no Brasil. Hoje, tentaremos reproduzir o que temos ouvido e entendido sobre a dívida externa.

Um País em desenvolvimento que deve cem bilhões de dólares e precisa continuar crescendo, não pode, em sã consciência, liquidar o débito. Ministros e assessores gastarem boa parte dessa dívida viajando pelo mundo inteiro, e só lhes poderão sobrar fadigas pela viagem e descredito perante os credores. Ademais, nós devemos a mais de quatrocentos bancos. Para mandar o mesmo aviso a cada banco, está visto que não há telex que resista.

Mas os credores não querem a quitação da dívida. Querem juros, que já atingem a mais da metade, e com isto, naturalmente, vão adquirindo intimidades que a soberania nacional antes impedia.

Os bancos estrangeiros não apresentarão nenhuma solução, naturalmente, porque não querem que o assunto seja resolvido. Isto ficou claro no final do ano passado, quando o Brasil pagou os tubos por uma suite num dos mais luxuosos hotéis do mundo, e quatrocentos banqueiros assinaram seus pomposos nomes durante mais de duas horas, e nada daquilo valeu depois.

Pelo que se tem ouvido, tirando-se uma média de quem não entende, mas ouve, a solução vai ser o Brasil honrar a dívida, e parar de dar dinheiro de juro. Emitir bônus para os próximos cinqüenta anos, dando algumas vantagens e preferências para que os portadores de bônus entrassem no nosso País pelos caminhos que hoje eles procuraram tortamente, ou adquirindo empresas. Pelo que tenho ouvido, mesmo as Forças Armadas entendem a situação, como justificam que a soberania nacional fica melhor pagando dívida do que enrolando credores. Assim, empresas estrangeiras, que já se ocupam dos nossos remédios, da nossa alimentação, que estão entrando nos transportes rodoviários, passariam a participar da exploração do solo de maneira diferente, mais rendosa, quer na extração de minérios ou na produção de grãos.

As divisas seriam criadas com as exportações dessas mesmas empresas, associadas a nacionais, e com isso o País poderia ir crescendo, pagando muito mais caro do que se pensa o que está sendo gasto com Itaipu, usinas nucleares e outros investimentos que alguns consideram sandices.

Mas para que isso aconteça o assunto não poderá ser resolvido pelos nossos dois ministros e o presidente do Banco Central. Desta vez, não haveria conversa ao pé do ouvido, mas relatório xerox para todo o mundo, nos mesmos termos, com as mesmas palavras, as mesmas promessas.

fit
dívida

Neste caso, o assunto não poderia ser tratado pelo setor econômico, e sim pelo diplomático. Aí é que viria a segunda grande revolução do final do governo Figueiredo. Primeiro, libertar-se dos seus conselheiros no problema político, e agora, do problema econômico. Tudo teria que ser realizado por vias diplomáticas, e para isso precisaríamos ter em mãos um homem para discutir, argumentar, recuar e avançar. E isso, naturalmente, não seria missão para o nosso chanceler que, para não abdicar do uso eficiente do seu nome, abdicaria do cargo. Surgiria dos nossos próprios quadros o homem para essas decisões.

Trabalhando a par com a parte política, firmaria contatos para o futuro governo, honrando o que estava acertado.

Como o Brasil é sempre visto como celeiro no futuro, através dessas medidas talvez até a gente pudesse plantar feijão suficiente para o consumo interno.